

Tudo Importa. Portanto, nada importa

written by Paulo Moreira | 28 de Abril, 2026



Baralhados?

Há uma pergunta que tem o mau hábito de aparecer nos momentos menos

convenientemente: entre uma reunião e um café, no fim de um artigo que parecia fechado,

ou enquanto se observa, com aparente distração, a vida dos outros a acontecer. A

pergunta é simples, quase ingênua, o que é que realmente importa?

A simplicidade é enganadora. Porque, em teoria, já decidimos.

Vivemos como se

soubéssemos a resposta.

Durante muito tempo, a resposta mais prática foi o dinheiro.

Não por ganância, uma palavra que fica sempre melhor nos discursos do que na vida real..., mas por eficiência.

O dinheiro resolve problemas, abre portas, compra tempo, ou pelo menos a ilusão dele.

É difícil argumentar contra algo tão funcional. Ainda assim, há um detalhe curioso:

quanto mais se acumula, mais sofisticadas se tornam as necessidades. O essencial, ao que parece, é um conceito elástico.

Logo ao lado, encontramos a posição social. Um sistema mais antigo, mas ainda

bastante em forma. Funciona como um grande palco onde todos desempenham papéis

com enorme convicção. Há títulos, lugares, reconhecimentos, e uma plateia atenta, eu

mesmo sofri disso, ainda que frequentemente distraído com o meu próprio desempenho.

O curioso é que ninguém quer admitir que está a representar, o que torna a peça

particularmente convincente.

Depois temos o conhecimento, essa forma elegante de poder. À primeira vista, parece

a escolha mais nobre: saber mais, compreender melhor, ver além do imediato. Mas o

conhecimento tem um efeito colateral pouco publicitado, substitui certezas por

perguntas. Como alguém disse, "*sou meio burro*". E, a certa altura, o indivíduo

informado encontra-se numa posição desconfortável: sabe o suficiente para duvidar de

quase tudo, mas não o suficiente para descansar em alguma conclusão sólida. É um

progresso peculiar.

Por fim, surge a ideia de meta. Objetivos claros, mensuráveis,

tangíveis. A linha de chegada, esse conceito tranquilizador. Trabalha-se, esforça-se, alcança-se. E, por um breve momento, há silêncio. Depois, quase imperceptivelmente, a linha desloca-se. Não por malícia, mas por natureza. A meta seguinte já está definida antes mesmo de se celebrar a anterior. É um sistema admiravelmente eficiente em manter todos em movimento.

Nada disto é propriamente errado. O dinheiro tem utilidade, a posição organiza, o conhecimento ilumina e os objetivos dão direção. O problema começa quando qualquer um destes elementos é promovido a resposta final. Quando deixam de ser meios e passam a ser justificações.

Talvez seja por isso que a pergunta persiste. Não porque não haja respostas, mas porque há demasiadas, e quase todas funcionam, até deixarem de funcionar.

No meio de tudo isto, há momentos mais difíceis de quantificar. Conversas que não produzem resultados, mas permanecem. Pequenos gestos que não alteram estatísticas, mas alteram dias. Instantes onde não há nada a provar, nem ninguém a impressionar.

Curiosamente, são também os momentos menos úteis, no sentido mais técnico da palavra.

O que é que realmente importa? A resposta mais honesta talvez seja desconfortável:

importa aquilo que continua a fazer sentido quando deixamos de precisar de justificar as nossas escolhas.

O problema é que, quando lá chegamos, já ninguém está particularmente interessado em saber a resposta. E, talvez por isso, ela seja finalmente relevante.